"POR QUE NÃO APRENDEMOS INGLÊS EM SALA DE AULA?" DOS DIZERES DE APRENDIZES ACERCA DO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA EM ESCOLAS REGULARES

Ana Paula de Araújo Cunha (CEFET/RS)
anapcunha@cefetrs.tche.br
Lia Joan Nelson Pachalski (CEFET/RS)
lia@cefetrs.tche.br

1. Introdução

A presente pesquisa, situada teoricamente no campo da Lingüística Aplicada à Aquisição de Segunda Língua (ASL), compreende uma investigação qualitativa, cujo foco precípuo é identificar e interpretar as razões que motivam o senso comum de que não se aprende uma língua estrangeira em escolas regulares. Na busca da compreensão do fato exposto, voltamos nossa atenção à perspectiva daquele que é o centro do processo de ensino/aprendizagem, ou seja, o aprendiz.

Para tanto, os dados que constituem o *corpus* de análise do estudo são oriundos de questionários estruturados de tal modo a propiciarem a elicitação da visão dos aprendizes acerca de questões como a relevância da aprendizagem de uma língua estrangeira (LE), suas crenças tangentes a como se aprende, de forma efetiva, uma LE, bem como suas expectativas em relação ao ensino da língua-alvo.

Os dados coletados encontram-se em processo de análise à luz de teoria veiculada em importantes estudos apontados pela literatura da área de ASL, dentre os quais sublinhamos aqueles concernentes às crenças sobre aprendizagem de línguas, como os desenvolvidos por Barcelos (2001-2006), Kalaha & Barcelos (2003) e Pajares (1992).

O escopo desta pesquisa compraz o seguinte questionamento: *Como diferentes contextos de ensino (escola particular, escola pública) influenciam os tipos de crenças que os alunos têm sobre aprender inglês como LE?* Tal indagação pode ser contemplada mediante a busca de respostas às seguintes questões norteadoras: (1) O que dizem os aprendizes de escolas regulares da rede de ensino (pública e particular) a respeito da relevância da aprendizagem de inglês como LE em tais contextos? ; (2) Quais as crenças dos aprendizes acerca da viabilidade de aprender inglês na escola regular? ; (3) Quais as crenças dos aprendizes sobre as condições (ideais) que contribuiriam para a

aprendizagem da LE em sala de aula? As referidas questões emergem da necessidade de repensarmos o ensino de inglês, principalmente em escolas públicas, face ao diagnóstico de insucesso apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1998).

Esperamos, pois, que os resultados desta pesquisa possam contribuir, de alguma forma, para reflexão sobre os correntes procedimentos de ensino de línguas em escolas regulares, levando à efetiva transformação (ou transformações) no sentido de colocar sob rasura a crença instituída do irremediável fracasso do ensino de língua estrangeira em contexto escolar (Fontana, 2005).

2. Definindo e caracterizando crenças

O termo crenças tem sido registrado pela literatura como foco de estudos em diversas áreas, a partir das quais podemos vislumbrar concepções símiles e, não raramente, distintas e, até mesmo, paradoxais. Devido a sua complexidade, difícil se faz a tarefa de definir crenças. Portanto, apresentaremos algumas definições preconizadas em pesquisas mais recentes, além de apontarmos características que constituiriam a natureza do termo supracitado.

Na Psicologia Social, Woolfolk Hoy e Murphy (2001:7-9) estabelecem diferenças entre conhecimento e crença. Segundo as autoras, o conhecimento deve ter alguma evidência para sustentar uma afirmação, já as crenças podem ser sentidas como verdadeiras sem ter uma base na evidência, se referem às idéias ou pensamentos que os indivíduos reconheceram como verdadeiros ou assim desejaram ser.

Segundo a pesquisadora em Educação Richardson (1996: 103), antropólogos, psicólogos e filósofos partilham da concepção de crenças como “compreensões psicológicas, premissas, proposições sobre o mundo consideradas verdadeiras”.

Na Psicologia, Rokeach (1968 – apud Pajares 1992: 314) define crenças como “qualquer questão simples, consciente ou inconsciente, inferida daquilo que a pessoa diz ou faz e geralmente precedida da frase “Eu acredito que...”. Tal assertiva, por conseguinte, nos impeliu a buscar a definição do verbo acreditar. Segundo Houaiss (2001), acreditar significa “supor ou intuir boas intenções, finalidades, com *absoluta ou relativa* convicção; julgar ou pensar *possível ou provável*” (...). De acordo com Dewey (1983) acreditar é prescrever valor, imputar significado e atribuir importância. Essa natureza paradoxal não impede que a crença promova ação, pois ao emergirem dúvidas, surgem novos questionamentos.

Na Lingüística Aplicada, Barcelos (2001: 73), em estudo acerca da metodologia de pesquisa com foco nas crenças de alunos, define crenças como “opiniões e idéias que os alunos (e

professores) têm a respeito dos processos de ensino e aprendizagem de línguas". Em consonância com a definição de Barcelos (op. cit.), buscamos elicitar, mediante aplicação de questionário, opiniões e idéias de alunos sobre importantes questões atinentes ao ensino/aprendizagem de inglês como LE em contexto escolar.

Em 2004, Barcelos apresenta um histórico do uso do termo crenças sobre a aprendizagem de línguas e suas definições. A autora observa que as "definições de crenças se referem à natureza da linguagem e ao ensino/aprendizagem de línguas". Acrescenta, ainda, que outras definições sobre crenças "enfatizam mais o aspecto cultural e social das crenças, colocando-as como ferramentas que ajudam os alunos a interpretar suas experiências.".

Dando prosseguimento a seus estudos, Barcelos (2006) destaca que, em trabalhos anteriores (Barcelos 2000, 2001, 2004), definiu crenças caracterizando-as. A referida pesquisadora afirma fazer questão de deixar clara sua visão de crenças entendidas, à semelhança de Dewey (1933 – apud Barcelos, 2006), como

> uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (p.18)

Com base na definição de Barcelos, voltamos nosso olhar aos dizeres de aprendizes como expressões de pensamentos, focalizando as maneiras como vêem e percebem o contexto de ensino no qual estão inseridos e suas concepções de aprendizagem, especialmente no que concerne à língua estrangeira. Justificamos ainda nosso estudo com base em Holec (1989 – apud Fernandes, 2005), segundo o qual as crenças não são definitivas, podendo ser mudadas. Caberia ao professor, pois, estudar as crenças dos aprendizes para que possa auxiliá-los a corrigir ou modificar aquelas que porventura possam prejudicar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Conforme o autor, as crenças também podem mudar de uma pessoa para outra ou de um contexto para outro. Eis uma das razões pelas quais decidimos investigar as crenças de aprendizes oriundos de contextos escolares distintos (escolas das redes particular e pública).

Barcelos e Kalaja (2003, p. 233), a partir da análise de estudos recentes, apontam características que constituiriam um perfil contemporâneo da natureza das crenças. Para as autoras, as crenças são:

- **Dinâmicas** – as crenças são geradas, construídas e modificadas ao longo do curso de nossa história de vida.

- **Emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente** – as crenças incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais. Para Kramsch (2003), as "crenças não só representam uma realidade social mas constroem essa realidade." (p.111).

- **Experienciais** – "os processos cognitivos, assim como a linguagem, nascem da natureza contextual da existência humana e da experiência". (Langacker, 1990, 1991 apud Watson-Gegeo, 2004:333).

- **Mediadas** – as crenças são meios de mediação usados para regular a aprendizagem e a solução de problemas. (Dufva, 2003).

- **Paradoxais e contraditórias** – "as crenças podem agir como instrumentos de empoderamento ou como obstáculos para o ensino/aprendizagem de línguas" (Barcelos, 2000,2003).

- **Relacionadas à ação de uma maneira indireta e complexa** – "as crenças exercem influência nas ações, mas as ações também podem influenciar as crenças" (Barcelos, 2006, p. 25).

- **Não tão facilmente distintas do conhecimento** – Segundo Woods (2003), as crenças "não se separam facilmente de outros aspectos como conhecimento, motivação e estratégias de aprendizagem" (p 226, 227).

Para muitos pesquisadores (por exemplo, Donaghe, 2003; Richardson, 1996; Woolfolk Hoy e Murphy, 2001; Vieira-Abrahão, 2004; Barcelos 2001, 2004), pesquisar as crenças de professores é uma tarefa complexa. Da mesma forma, diríamos que investigar as crenças de aprendizes é tarefa não menos complexa. Muitas vezes, como nos foi possível constatar, os aprendizes (e professores) não conseguem articular suas opiniões, idéias ou crenças, pois, além de estarem em construção, des-construção e re-construção, à medida em que tais sujeitos se deparam com novas situações de ensino/aprendizagem e novas informações, novas crenças podem emergir. Não obstante a dificuldade apontada, optamos pelo desafio de desenvolvermos pesquisa abordando a temática em questão por acreditarmos na obtenção de dados a partir dos quais possamos inferir importantes crenças que, de alguma forma, e em alguma extensão, têm influenciado e sido influenciadas pelas experiências de ensino por que passaram e têm passado os sujeitos desta pesquisa, cujo perfil descrevemos na seção a seguir.

3. Sujeitos da pesquisa e coleta de dados

Buscamos a contemplação dos objetivos da pesquisa mediante a utilização de métodos qualitativos de investigação respaldados na literatura contemporânea concernente às ciências sociais.

Esta pesquisa se enquadra dentro de uma perspectiva qualitativa, a qual, segundo Barcelos (2001),

> ...envolve diferentes abordagens de investigação que compartilham as seguintes características comuns: a) são naturalistas, ou seja, realizadas dentro de contextos naturais; b) são descritivas, ou melhor, os dados coletados tomam a forma de palavras ou figuras e não de números; c) são processuais, não se preocupando com resultados ou produtos; d) são indutivas, ou seja, os dados são analisados indutivamente, sem buscar evidências que comprovem ou não hipóteses previamente estabelecidas; e) buscam significados, ou melhor, são voltadas para as maneiras como os participantes envolvidos constroem significados de suas ações e de suas vidas.

Neste estudo, focalizamos os dizeres de alunos de duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio acerca do processo de ensino/aprendizagem de inglês em sala de aula. Tendo em vista ensejarmos verificar como diferentes contextos podem influenciar os tipos de crenças que os alunos têm sobre aprender uma língua estrangeira, a primeira e segunda turmas inserem-se, respectivamente, em contexto de escola das redes particular e pública da cidade de Pelotas-RS.

Segundo Abrahão (2006),

> Os questionários construídos com itens abertos têm por objetivo explorar as percepções pessoais, crenças e opiniões dos informantes. Buscam respostas mais ricas e detalhadas do que aquelas obtidas por meio de questionários fechados. Diferentemente dos itens fechados ou em escala, as perguntas abertas requerem tratamento mais sofisticado na análise dos dados (p.222).

Para termos, por conseguinte, acesso a tais dizeres e perspectivas, aplicamos aos informantes questionários compreendendo perguntas abertas, as quais, em alguma extensão, traduzem as questões norteadoras desta pesquisa.

4. Apresentação e Análise dos Dados

As crenças dos aprendizes investigados foram agrupadas em três categorias, conforme as questões norteadoras desta pesquisa, a saber: (1) Crenças sobre a importância/relevância da aprendizagem de inglês; (2) Crenças sobre a viabilidade de aprender inglês na escola; (3) Crenças

sobre as condições e/ ou medidas que poderiam contribuir para o aprendizado da LE em sala de aula. Por conseguinte, tais categorias de análise passam a ser ilustradas e comentadas a seguir.

4.1. Das crenças dos aprendizes da escola particular sobre a importância/relevância de aprender inglês em contexto escolar

A grande maioria de tais informantes aponta para o reconhecimento da importância da aprendizagem de inglês como LE em sala de aula, destacando, dentre outras razões, aquela que parece fazer parte do senso comum, a saber: a possibilidade de ampliar as oportunidades de competir no mercado de trabalho, sendo fundamental para o futuro, uma vez que é considerado um idioma universal.

Tal crença pode ser observada a partir dos dizeres a seguir:

"Sim, porque a língua inglesa além de ser importante na hora de prestar o vestibular é fundamental para que se tenha mais oportunidades de emprego e também permite que possamos nos comunicar com pessoas de todo o mundo." A5

"Sim, pois para a vida profissional é fundamental o conhecimento de inglês." A6

"Sim, uma vez que é na escola que nos preparamos para competir no mercado de trabalho." A9

"Sim, porque atualmente saber língua inglesa é fundamental, principalmente para o futuro profissional." A12

"Sim, porque é importante para todas as pessoas, pois poderá ser fator decisivo em um currículo ou em um intercâmbio." A16

"Sim, Porque devemos saber um idioma que se fala no mundo inteiro."A18

"A aprendizagem de inglês é importante pois hoje língua estrangeira conta muito para o currículo, e trabalho. A28

Alguns aprendizes reconhecem ser função da escola promover o ensino da LE, tendo em vista que muitos não teriam condições de pagar um curso livre de idiomas, o que é evidenciado nos excertos que seguem.

"Sim. Porque há muitas pessoas que não tem dinheiro para pagar um curso de inglês." A2[1]

"Sim, o inglês na escola é importante para despertar o interesse dos alunos nessa língua, e também para que não tem recursos para pagar um cursinho." A3

"Sim. Porque é importante nos dias de hoje ter conhecimento de outras línguas principalmente do inglês, e é importante na escola pois nem todo mundo tem acesso a um curso de idiomas." A11

"Sim. Para os alunos que cursam inglês em cursinho, o estudo na escola reforça este aprendizado e para quem não fez é uma boa base." A24

"Acredito que sim, muitas pessoas não têm condições de bancar cursos por fora." A26

[1] Para preservar a identidade dos informantes, os mesmos receberam números, como por exemplo, A1 se refere ao APRENDIZ 1.

Todavia, em relação ao ensino veiculado em cursos livres, as aulas da LE na escola regular ficam muito aquém, na visão de alguns dos informantes, como é registrado pelo aluno 25, por exemplo.

"Para quem não faz cursinho, tem uma pequena base, mas para quem faz algum cursinho, as aulas da escola não acrescentam muita coisa." A25

Poucos informantes verbalizaram não julgar importante o ensino de inglês na escola regular devido, principalmente, ao fato de ser "fraco".

"Se a língua fosse realmente ensinada seria de extrema importância mas da maneira que é ensinada hoje é totalmente desnecessária, uma vez que o tempo de aulas é muito curto e em quase todos os 10 anos de aulas de inglês na escola, sem o apoio de um curso de idiomas, eu acredito que mal conseguiria entender sentenças simples." A1

"Não considero pois o estudo de inglês na escola é péssimo e não acrescenta quase nada mesmo para quem não sabe nada de inglês."A17

"Não, porque o ensino é muito fraco." A19

4.2. Dos alunos da escola pública sobre a importância/relevância de aprender inglês em contexto escolar

Assim como apontaram os dados oriundos dos informantes da escola particular, a maioria dos pertencentes à escola pública afirmou considerar importante a aprendizagem da LE em sala de aula. Também foi reiterada por estes últimos a justificativa principal para a sua relevância ou seja, o fato de propiciar maiores chances à conquista de um emprego melhor.

Sim, principalmente para conseguir um emprego de melhor qualidade". A2

"Sim, para conseguirmos melhores empregos e até se formos viajar para um país sobre domínio da língua." A8

"Sim. Por que a língua inglesa é bastante importante e nosso dia-a-dia e na nossa carreira."A12

carreira."A12

"Sim. Para poder arranjar emprego." A16

"Sim, por que é importante até mesmo para arranjar um emprego melhor." A18

"Sim, porquê hoje em dia o mercado exige muito que se faça outra língua." A19

"Sim. Por que além de ser bom para nós mesmos, é bom para no futuro procurarmos um emprego melhor e ter um melhor padrão de vida." A20

Alguns informantes afirmaram que a importância da aprendizagem de inglês se deve a seu *status* de língua universal, também vinculada à evolução tecnológica e ao ambiente virtual.

"Claro que eu acho importante! Além do inglês ser um dos idiomas mais fáceis de aprender, eu acho que cada pessoa deveria aprender pelo menos um idioma além de sua língua nativa, mas principalmente o inglês por ser um idioma que está se tornando "universal" principalmente por causa da internet." A5

"Em alguns momentos sim, pois em computador e a maioria dos equipamentos eletrônicos funcionam a base do Inglês. Se você não tem inglês fica muito complicado."A6

"Sim, pois é uma forma de obtermos mais um conhecimento sendo que, esta é uma língua universal." A7

Apenas dois aprendizes negaram a importância da aprendizagem de inglês em contexto escolar. Tal ponto de vista foi justificado por um informante que não parece ver sentido nas atividades com textos. Talvez esteja implícito o descontentamento em relação à forma como os textos são abordados pelo professor.

"Não. Porque eles só passam textos pra nós traduzir e acaba sendo tipo uma cola." A21

4.3. Das crenças dos aprendizes da escola particular sobre a viabilidade de aprender inglês em contexto escolar

Os alunos da escola particular não crêem, pelo menos a maior parte deles, na possibilidade de aprender, de forma eficaz, a LE no contexto escolar. Os motivos apontados são traduzidos pela baixa carga horária da disciplina na grade curricular, além do grande número de alunos em sala de aula.

"Com certeza não. São poucas aulas e muitos alunos, no fim consegue desenvolver nada, nem alunos, nem professor". A1

"Pouquíssimo, pois a carga horária de aulas são muito pequenas e o que dá para fazer em aula é pouco." A6

"O básico dos básicos mesmo. Em uma turma com mais de quarenta alunos, tendo 50 minutos por semana, com certeza não aprendo o inglês devidamente, mas consigo compreender certas coisas". A10

"Não se aprende muito, porque não há muito tempo e até porque não tem como ensinar inglês para 40 pessoas ao mesmo tempo". A11

Segundo alguns, apenas a estrutura e as condições dos cursos livres podem viabilizar a efetiva aprendizagem da LE, o que pode ser verificado no excerto abaixo.

"Acredito que para se aprender inglês deve-se procurar um curso...". A9

"Não muito, pois não temos tanto tempo de aulas de inglês e é apenas uma aula por semana. Portanto isso dificulta um grande aprendizado. Se hoje eu sei inglês é por causa dos cursinhos".A24

A referência à baixa qualidade do ensino de LE em escola regular também foi indicada nos dizeres de alguns alunos, justificando a dificuldade de aprendizagem.

"Não pois o ensino e o modo de ensino do inglês na escola é primário, como já disse, e não acrescentou nada muito além do que já sei". A17

"Não, aulas de inglês não são levada a sério e metade dos pontos são trabalhos bestas".A20

"Não tanto quanto gostaria. Aprendi o inglês sozinha, o colégio não tem tanta estrutura e não oferece aulas de inglês ótimas. A27

"O inglês na escola é muito deficiente, serve apenas com uma revisão.A32

Aqueles que responderam crer na possibilidade de aprender inglês na escola, fazem ressalva de que apenas o básico foi aprendido por eles, como fica evidenciado aqui:

"Sim, mas somente com relação a conhecimento gerais e pouco de vocabulário". A7

"O básico dos básicos mesmo." A10

"Aprendemos apenas o básico, por ter muitos alunos em sala de aula é difícil conseguir aprofundar mais o conteúdo." A12

É importante sublinhar que, embora apenas um informante tenha se referido explicitamente à menor importância dada à disciplina de inglês em relação às demais, esta é uma crença que pode ser inferida nas entrelinhas dos discursos dos alunos, questão que deverá ser investigada a posteriori.

"Não. Porque é pouco tempo e a importância da matéria em relação as outras é pouca." A31

4.4. Das crenças dos aprendizes da escola pública sobre a viabilidade de aprender inglês na escola

A maioria dos informantes em questão crê que se aprende pouco o idioma em sala de aula, restringindo-se apenas ao básico**.**

Enquanto que muitos dos aprendizes da escola particular explicitaram serem a baixa carga horária e o grande número de alunos as causas do baixo nível de aprendizagem, de muitos dos pertencentes à escola pública não deixaram claro a razão pela qual aprendem o "básico" tão somente.

"Mais ou menos. Só aprendo o básico, o necessário, mas acredito que não é o suficiente". A9

"Não, Porque muitos alunos não se interessam nas aulas, pois acabam atrapalhando a gente que quer aprender".

"Um pouco". A11

"Muito pouco". A14

"Não. Porquê é muito básico e nós acabamos não entendendo". A21

"Sim, pois o professor dá uma boa matéria e explica realmente como é".

"é eu acho que o básico sim". A23

Alguns alegam, que o ensino é fraco, não sendo aprofundado, além de observarem falta de "Ânimo" por parte dos aluno e de alguns professores.

“Muito pouco. Porquê falta mais vontade, disposição, animo dos alunos e alguns professores”. A2

“Muito pouco, o básico do básico! Porque sabemos que ele não é muito bem aprofundado; quem quiser saber mais, terá realmente que procurar ajuda mais apurada”.A3

Há também aqueles que creditam à falta de recursos à disposição como empecilho para a construção da aprendizagem.

“Não. A maioria dos professores não tem materiais suficientes para desenvolverem uma boa aprendizagem”. A6

A crença de que o inglês difícil de aprender foi apontada por apenas um informante, ainda que de forma contundente.

“Não. Porque é uma língua difícil de aprender”. A16

A crença de que cabe à escola propiciar a prática de falar em inglês, promovendo a aprendizagem é registrada pelo aluno 1 (A1), muito embora este reconheça que isto não ocorre.

“Não. O que deveria aprender porque temos de práticar falar em inglês e isso tem que ser na escola”.

Os poucos informantes que expressaram crer na viabilidade de aprender LE motivaram suas respostas no fato de os professores ensinarem o idioma, sendo concursados e, portanto, qualificados.

“Sim; aprendo da aulas e professores”. A12

“Sim, eles ensinam de modo regular”. A19

“Sim, pois o professor dá uma boa matéria e explica realmente como é”. A22

“sim por que tem professores concursados e formados e língua inglesa eu adoro a língua inglesa”.A24

4.5. Das crenças dos aprendizes da escola particular sobre as condições e/ou medidas que contribuiriam para a aprendizagem da LE em sala de aula

Aulas diversificadas, com utilização de filmes, *slides*, jogos, diálogos e computadores foram apontadas pelos informantes como medidas que acreditam contribuírem para a promoção a aprendizagem de inglês na escola.

Filmes e trabalhos com diálogos”. A3

“Quando o professor realiza aulas com filmes, atividades na internet tudo fica mais fácil. Acabamos nos divertindo e aprendendo”. A6

“Tivemos atividades com música, filmes, jogos, e isso incentiva e anima bastante o aluno.” A7

“Filmes, Aulas com slides”.A8

“Música, filmes”. A21

“Principalmente os vídeos e filmes mostrados, que ajudam bastante”.A27

“Informática, filmes”. A29

Muitos alunos acreditam que é papel do professor promover a aprendizagem da língua.

“Acredito que o interesse do professor em tentar proporcionar aulas interativas, passando musicas, filmes, que chamam mais atenção e o interesse do aluno” A23.

“Materiais, aulas diferentes e ótimos professores”. A24

“Os materiais utilizados e os professores contribuíram para o aprendizado”.A28

A professora atual da turma investigada apresenta características consideradas importantes para alguns dos informantes como pode ser verificada nos dizeres a seguir.

“Atualmente as aulas de inglês até têm sido mais aproveitáveis. A professora atual foca o ensino na leitura, que será muito útil no futuro, ao invéz de continuar com o método dos anteriores, que tentavam ensinar tudo e acabavam não ensinando nada. Utilização de filmes também é interessante”. A1

“Como falei anteriormente não acho que o inglês de escola seja bom, mas as coisas que contribuem para a fixação são inúmeros exercícios que fazemos durante as aulas e a competência da professora encarregada X, que torna tudo mais fácil e bom para se estudar”. A4

“Gosto da professora, ela faz atividades bem diferentes, que é bom de fazer”. A13

“As condições que nos dão é ótima, professores muito qualificados, e ótimas alternativas para dar aula”. A18

Em consonância com a crença de que não se aprende inglês na escola regular pelo fato de a carga horária ser restrita, alguns informantes crêem que o aumento do número de aulas de LE poderia contribuir para o bom aprendizado da mesma.

“Aumento do número de aulas por trimestre”. A19

“Aumento das aulas mas sem comprometer outras matérias”. A20

“Não foi bom, o tempo é curto demais para ser aproveitado como deveria”. A30

4.6. Das crenças dos aprendizes da escola pública sobre as condições e/ou medidas que contribuíram para a aprendizagem da LE em sala de aula

Assim como os informantes da escola particular, os aprendizes da escola pública sublinharam a importância do professor na promoção da aprendizagem como nos excertos que seguem.

“Comigo só o que me ajudou mesmo foi alguns professores que procuravam a nossa fala em inglês, ou seja, nos ensinavam a pronunciar algumas palavras fazendo a turma refletir.” A1

“Muito pouco, falta um certo incentivo dos professores e sem contar na falta de criatividade e a precariedade dos materiais como dicionário etc.” A2

“Professores bem qualificado apostilas, brincadeiras didáticas que fazem na maioria das vezes prende mais atenção dos alunos.” A3

“Já tive vários professores de inglês em várias escolas, e pra mim o nível foi sempre o mesmo.” A5

“O bom professor, o silêncio e principalmente o tipo de exercício e atividade em sala de aula, materiais e conversação.” A6

“Só no 1º ano que teve um impenho do professor para o ensino da língua.”A8

“Não muitas condições, tem alguns dicionários que ajudam, mas o professor tenta explicar e não conseguem, pois os alunos não ficam quietos.”A10

“Eu acho que só um bom professor basta.” A14

Enquanto que para alguns o bom professor é o suficiente para garantir a aprendizagem da LE, para outros isto não é condição única para que ocorra.

“De 5ª a 8ª série tive uma boa professora mas que a s vezes não sabia como trabalhar e selecionar material (Exercícios de verbos). De 1ª à 2ª série do ensino médio foi ruim por que o professor trabalho apenas com textos e tradução. Atual é bom, mas acho que deveria ter mais aprofundamento.” A4

“Para falar a verdades, os professores que tive eram bons mas não utilizaram materiais e o ambiente não propicia.” A7

Também de relevância para os informantes para a promoção da aprendizagem são as atividades propostas, materiais à disposição, bem como as condições do ambiente.

“Características do ambiente, trabalhos, exercícios.” A11

“Algumas atividade e alguns materiais.”A16

“Alguns jogos ou coisas diferentes do que só traduzir textos.” A21

“Músicas, jogos.” A23

“e ter um bom laboratório e salas especiais para aprendizagem de línguas estrangeiras.” A24

Para a maioria dos aprendizes, no entanto, as condições favoráveis à aprendizagem não têm sido contempladas na escola. Políticas deveriam ser implementadas no sentido de oferecer aos alunos, principalmente aos da rede de ensino público, recursos e materiais diversificados, ambiente adequado, bem como a formação continuada dos professores tornando efetivo, desta forma, o processo de ensino/aprendizagem de LE em contexto de sala de aula. O quadro que segue sistematiza, para fins analítico-comparativos, as crenças dos aprendizes das escolas particular e pública investigadas.

Crenças sobre a importância/ relevância de aprender inglês em contexto escolar	
Dos aprendizes da escola particular	**Dos aprendizes da escola pública**
Saber inglês é fundamental para competir no mercado de trabalho. É a escola que nos preparará para o futuro profissional. É importante aprender um idioma que se fala no mundo inteiro. O inglês na escola é importante para despertar o interesse dos alunos nessa língua. Para quem estuda em cursos livres, o inglês na escola não acrescenta nada. Aprender inglês na escola não adianta nada por ser muito fraco.	Aprender inglês é importante para conseguir um emprego de melhor qualidade. Saber inglês é importante para ter um padrão de vida melhor. Aprender inglês é importante por ser uma língua universal. Saber inglês é importante para a utilização da internet e de equipamentos eletrônicos. Aprender inglês é uma forma de obter mais um conhecimento.
Crenças sobre a viabilidade de aprender inglês na escola	
Dos aprendizes da escola particular	**Dos aprendizes da escola pública**
Não é possível aprender inglês devido à baixa carga horária da disciplina e pela grande quantidade de alunos em aula. Só é possível aprender o “básico” na escola. Não se aprende inglês na escola pelo fato de o ensino ser muito fraco. A importância do inglês em relação às outras disciplinas é pequena.	Só se aprende o básico na escola, o que não é suficiente. Os alunos não se interessam pelas aulas de inglês na escola, atrapalhando os que querem aprender. O ensino de inglês na escola é fraco e alguns professores não têm ânimo para ensinar. Não se aprende inglês na escola por não haver recursos/materiais suficientes para os professores desenvolverem um bom ensino. Inglês é uma língua difícil de aprender cabe à escola propiciar a prática da fala em inglês, mas isto não acontece. É possível aprender inglês na escola, pois os professores são concursados e formados em língua inglesa. Quem adora a língua inglesa aprende.

Crenças sobre as condições/medidas que contribuíram para aprendizagem mediada da LE em sala de aula	
Dos aprendizes da escola particular	**Dos aprendizes da escola pública**
Aulas diversificadas, com utilização de filmes slides, jogos, diálogos e computadores contribuem para a promoção da aprendizagem de inglês na escola. O aumento do número de aulas de inglês, sem comprometer as outras disciplinas, deve contribuir para a aprendizagem deste idioma na escola. Os materiais usados e professores interessados e qualificados podem ajudar o a aprender melhor.	Jogos, músicas e atividades diferentes de apenas traduzir textos ajudariam os alunos a aprender inglês em sala de aula. Basta um bom professor para que a aprendizagem da LE aconteça. O empenho do professor é fundamental para que os alunos aprendam a LE. Um bom laboratório e sala especiais para o ensino de línguas promoveriam a aprendizagem.

QUADRO I – Crenças dos aprendizes das escolas particular e pública sobre o ensino e a aprendizagem de inglês.

5. Conclusões Parciais

Este trabalho apresentou resultados parciais de uma pesquisa qualitativa, situada na área da Lingüística Aplicada, enfocando a temática de crenças. Até o momento, investigamos os dizeres de aprendizes do Ensino Médio das redes pública e particular que foram inferidas como crenças acerca dos processos de ensinar e aprender uma LE em contexto escolar.

Necessário se faz retomarmos, a seguir, as questões que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa, a partir das quais crenças importantes emergiram.

Quanto à pergunta (1) – sobre o que dizem os aprendizes de uma escola particular e de outra da rede pública a respeito da relevância da aprendizagem de inglês como LE em tais contextos –, verificamos similaridades consistentes nas opiniões dos informantes de ambas as escolas, principalmente no que concerne ao reconhecimento da importância da aprendizagem de inglês como requisito fundamental para a conquista de um emprego dentro de um mercado de trabalho cada vez mais competitivo, além de ser apontado pelos informantes como um idioma universal. Como mencionamos anteriormente, na apresentação dos dados coletados, esta é uma opinião que parece ser senso comum em nossa sociedade. Tal fato é justificado pela natureza social das crenças, incorporadas nas perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais.

No que tange à pergunta 2 – sobre quais as crenças dos aprendizes acerca da viabilidade de aprender inglês na escola regular –, também verificamos pontos de intersecção nos dados dos

informantes das turmas investigadas. A crença de que não é possível aprender a LE, ou dela se aprende muito pouco, somente o “básico”, em contexto escolar, foi um forte ponto comum verificado. Diferentes, no entanto, foram as razões apontadas pelos dois grupos. Para a maioria dos alunos da escola particular, a aprendizagem de inglês em sala de aula não é efetiva pelo fato de a carga horária destinada a tal disciplina ser baixa, além da super lotação das turmas. Os referidos alunos, parte dos quais freqüenta cursos de idiomas, crêem que apenas neste contexto privilegiado podem realmente aprender a LE. Já os alunos da escola pública conferem à baixa qualidade do ensino e à escassez de recursos a razão do insucesso da aprendizagem de inglês no ambiente escolar em que estão inseridos.

Como podemos perceber, uma mesma crença pode ter origens diferentes de indivíduo para indivíduo, de um grupo social para outro, sofrendo influências contextuais, culturais e experienciais. Hosenfeld (2003), citando Dewey (1938), Kalaja (1995) e Barcelos (2000), afirma que “As experiências dos aprendizes são parte das construções e reconstruções de suas experiências” (p. 39). Segundo Barcelos (2001), as crenças têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore. Elas são, por conseguinte, socialmente construídas. À medida que as experiências são construídas e reconstruídas, ou seja, que os indivíduos experimentam diferentes situações, suas experiências podem ser re-significadas, gerando ou transformando suas crenças. Logo, é potencialmente possível que, mediante a vivência de novas e ricas experiências de ensino/aprendizagem de inglês na escola, os aprendizes desconstruam a crença da inviabilidade de aprender a LE em tal contexto. Havemos de considerar a natureza paradoxal das crenças, as quais podem agir, segundo Barcelos (2000, 2003), como instrumentos de empoderamento ou como obstáculos para o ensino/aprendizagem de línguas.

Focalizando a pergunta (3), referente às crenças dos aprendizes sobre quais condições (ideais) contribuiriam para a aprendizagem da LE em sala de aula –, verificamos também algumas opiniões comuns traduzidas nas respostas dos informantes das duas escolas à questão levantada. Para muitos, aulas com atividades variadas, abrangendo filmes, jogos, músicas e diálogos, poderiam contribuir para a promoção da aprendizagem de inglês. Cremos que tais atividades, por sua natureza mais interativa, podem despertar mais o interesse dos aprendizes de um modo geral. Todavia, não sabemos em que extensão tal interesse poderia otimizar a aprendizagem, nem tampouco se a motivação dos alunos para aprender a LE teria um “prazo de validade” caso todas as aulas passassem a ser desenvolvidas com o uso de tarefas variadas, como as apontadas pelos informantes

da pesquisa. Semelhantemente, poderíamos questionar se o aumento do número de aulas de inglês conduziria à aprendizagem, conforme alguns alunos da escola particular registraram.

Estas são questões importantes que demandariam um estudo longitudinal, de natureza etnográfica, o que foge ao escopo desta pesquisa. Ainda destacamos que a crença dos aprendizes da escola pública de que o bom professor é fundamental para que a aprendizagem ocorra suscita uma outra importante questão que merece ser investigada, isto é, quais são as crenças de tais aprendizes acerca do que é ser um bom professor de LE? Buscar respostas a este questionamento é um de nossos objetivos futuros.

Dando prosseguimento a este estudo, entrevistaremos os professores de inglês das turmas investigadas no intuito de, através de tal instrumento, elicitarmos suas crenças e, a partir delas verificarmos as possíveis congruências e incongruências em relação aos dizeres de seus alunos sobre aspectos concernentes ao ensino e à aprendizagem de LE em sala de aula. Reconhecemos que, para termos uma visão mais acurada das crenças dos aprendizes e professores, devemos buscar analisar suas ações dentro do contexto em questão, especialmente considerando a complexidade das crenças e a força dos fatores contextuais. Esta é uma das principais razões que justificam a continuidade da presente investigação.

6. Implicações político-pedagógicas

O fato de o processo ensino/aprendizagem ser de caráter dinâmico e heterogêneo não permite que efetuemos conclusões definitivas relacionadas às crenças apontadas nesta pesquisa em particular, no entanto desejamos problematizar algumas questões que julgamos pertinentes, com base na leitura e interpretação dos dizeres dos aprendizes.

No que tange à relevância da aprendizagem de LE em escolas regulares, tanto particulares quanto públicas, os dizeres dos aprendizes revelam que a importância da aprendizagem de uma LE está diretamente relacionada ao fator econômico, ou seja, a uma boa colocação no mercado de trabalho. Este fato inquietante nos conduz a uma reflexão sobre como preparamos nossas aulas, quais os discursos implícitos ou explícitos nos textos ou atividades que apresentamos aos nossos alunos e como discutimos, de forma crítica, esta noção comum e politicamente verdadeira, de que a aprendizagem de língua inglesa está vinculada ao fator econômico. Devemos problematizar esta noção interrogando de que forma esta crença veio a ser constituída. Qual o interesse de reforçarmos esta crença em sala de aula e de quem é o interesse? Segundo Pennycook (2001), uma abordagem

de pós-lingüística aplicada na compreensão de textos pressupõe considerarmos a linguagem e letramento como sendo sempre políticos, situarmos textos e práticas de letramento em contextos sociais. O autor propõe que a análise textual seja também social, de forma que o poder seja também discutido. O docente deve desenvolver maneiras pelas quais os aprendizes possam mudar e resistir aos discursos que constroem suas vidas.

Em relação à identificação das crenças dos aprendizes a como se aprende uma LE, observamos, através dos questionários, a evidência do senso comum de que "é possível aprender somente o básico", justificado pelo grande número de alunos e baixa carga horária, principalmente no contexto das escolas particulares. Alguns interpretam que aprendem somente o básico devido à falta de seriedade e importância da disciplina de língua inglesa ao ser comparada a outras disciplinas escolares. Este fato pode ser atribuído à noção dicotômica desenvolvida nas escolas no decorrer da vida do aprendiz no que se refere às disciplinas como blocos individualizados de aprendizagem, às construções discursivas internas na escola e na própria sociedade sobre o que efetivamente é importante na vida escolar.

O aprendiz vivencia, durante o processo escolar, fases que devem ser concluídas, a maioria através de notas ou conceitos finais. Este fato pode contribuir com a noção de que o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira também deve ter uma conclusão. Como sublinham alguns informantes da pesquisa, o professor ainda é o grande responsável pelo "sucesso" da aprendizagem, ou, ao menos, pela promoção de experiências positivas durante o processo. Sendo assim, ressaltamos a importância de questionar a nossa atuação em sala de aula no sentido de refletirmos sobre como orientamos nossos alunos a desenvolverem uma postura crítica e de que maneira os conscientizamos de que o processo de aprendizagem de uma LE não apresenta uma conclusão definitiva. Ao estarmos vinculados a sistemas que exigem conclusões através de encerramento de etapas e cumprimento de conteúdos, nos filiamos ao senso comum de que somente é possível aprender "o básico", assim como nossos alunos afirmam.

No que respeita às medidas que poderiam beneficiar a aprendizagem de uma LE na escola, os aprendizes observam que as diferentes formas de ensinar, a postura, as atitudes dos professores são fatores relevantes para a promoção da aprendizagem. Neste sentido, podemos asseverar que o papel do professor é fundamental para compreender e trabalhar com o processo de ensino/aprendizagem como um fenômeno dinâmico – social, político e histórico. Esta compreensão poderá conduzir os aprendizes ao desenvolvimento de uma nova visão do ensinar/aprender inglês na escola. Tal percepção pode amenizar a constante angústia do professor

de buscar incansavelmente a solução para problemas do dia-a-dia e promover um deslocamento. O professor, ao desenvolver novas percepções de linguagem e do processo de ensino também produzirá nos aprendizes noções e atitudes que fogem ao senso comum que aponta para o irremediável fracasso da aprendizagem de uma LE, especialmente o inglês, na escola regular.

Referências bibliográficas

BARCELOS A. M. F. (orgs.) *Crenças e Ensino de Línguas.* Foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. Metodologia de pesquisa das crenças sobre aprendizagem de línguas: Estado da arte. *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada*, vol. 1 n. 1, p. 71-92, 2001.

_____. The interaction between students' beliefs and teachers' beliefs and dilemmas. In B. Johnston e S. Irujo (Orgs.). *Research and Practice in language teacher education:* Voices from the field. Selected Papers from the First International Conference on Language Teacher Education. Carla Working Paper # 19, University of Minnesota, p. 77-97, 2001b.

_____. Researching beliefs about SLA: A critical review. In KALAJA, P.; BARCELOS, A. M. F. (Orgs.). *Beliefs about SLA:* New Research Approaches. Dordrecht: Kluwer, p. 7-33, 2003.

_____. What's wrong with a Brazilian accent? *Horizontes de Lingüística Aplicada*, vol. 2, n.2, p. 7-21, 2003a.

_____. As crenças de professores a respeito das crenças sobre aprendizagem de línguas de seus alunos. In: GIMENEZ, T. (Org.). *Ensinando e aprendendo inglês na universidade:* formação de professores em tempos de mudança. Londrina: Abrapui, 2003b, p.55-65.

_____& KALAJA, P. Conclusion: Exploring possibilities for future research on beliefs about SLA. In KALAJA, P.; BARCELOS, A.M..F. (Orgs.). *Beliefs about SLA:* New Research Approaches. Dordrecht: Kluwer, p. 231-238, 2003.

_____. Crenças sobre aprendizagem de línguas, lingüística aplicada e ensino de línguas. *Linguagem & Ensino*. Vol. 7, n. 1, p. 123-238, 2003.

_____. Ser professor de inglês: crenças, expectativas e dificuldades dos alunos de Letras. In. Vieira Abrahão, M.H. (Org.). *Prática de Ensino de Língua Estrangeira:* Experiências e reflexões. Campinas: Pontes, p. 11-29, 2004a.

DEWEY, J. *How we think*. Lexington, MA: D.C. Heath, 1933.

_____. *Experience and Education*. New York: Macmillan, 1938.

_____. *The middle works* (1899-1924). Carbondale: Southern Illinois University Press, 1983.

DONAGHE, H. An instrument to elicit teacher's beliefs and assumptions. *ELT Journal*, 57/4, October 2003.

FERNANDES, V. *As crenças e a práxis de professores de Língua Inglesa em formação e o aprendizado autônomo*. 2005. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HOUAISS, A. VILLAR, M. de S., FRACO, F. M. de M**.** *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2922p.

HOSENFELD, C. Evidence of emergent beliefs of a second language learner: a diary study. In: KALAJA, P. ; BARCELOS, A.M. F. (Orgs.). *Beliefs about SLA*: *New Research Approaches*. Dordrecht: Kluwer, p. 37-54, 2003.

PÂRAMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Ministério da Educação e da Cultura. Brasília, 1998.

PAJARES, F. M. Teachers' beliefs and educational research: Cleaning up a messy construct. *Review of Educational Research*, v. 62, n. 3, p. 307-332, 1992.

PENNYCOOK, A. Lingüística Aplicada Pós-Ocidental. In Coracini M. J.; Bertoldo, E. S. (Orgs.) O *Desejo da Teoria e a Contingência da Prática*. Discursos sobre e na sala de aula. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2003.

RICHARDSON, V. The role of attitudes and beliefs in learning to teach: In: J.SIKULA (Org.), *Handbook of research on teacher education*. New York: Macmillan, 1996. p. 102-119.

VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. (Org.). *Prática de Ensino de Língua Estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas: Pontes/Artelíngua, 2004.

_____. Metodologia na Investigação das Crenças. In: ABRAHÃO, M. H. V. & BARCELOS, A. M. F. (Orgs.). *Crenças e Ensino de Línguas – foco no professor, no aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

WOOLFOLK HOY, A. & MURPHY, P. H. Teaching educational psychology to the implicit mind. In: R. STERNBERG; B. TORFF (Eds.). *Understanding and teaching the intuitive mind*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 145-185, 2001.